

Um mural camoniano projectado para a Biblioteca Geral por Rui Preto Pacheco

A. E. Maia do Amaral

Depois da série de artigos publicados nestas páginas sobre os murais da Cidade Universitária, pareceu-nos quase obrigatório levantar o véu sobre uma projectada obra de *afresco* que, aparentemente, está perdida.

Até agora, apenas se sabia que Preto Pacheco, pintor e ilustrador portuense, sobretudo conhecido como retratista, tinha celebrado, em 18 de Novembro de 1955, contrato com a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) para a execução de dois frescos destinados às escadarias da Biblioteca Geral. Nas memórias do seu reitorado, Maximino Correia refere-se a este assunto, em 1955:

“Para a decoração do edifício já se dispenderam 74 contos no estudo de pinturas a fresco que hão-de ornamentar a sala que dá acesso ao compartimento destinado à catalogação. (...) Pensa-se também em decorar, embora com sobriedade, como o ambiente severo o requer, o tecto da Biblioteca de S. Pedro” (Correia 1963, p. 85).

Dois anos depois, comenta o falhanço do projecto, em termos (propositadamente?) ambíguos:

“Um facto a assinalar (...) foi terem sustado as decorações que se projectavam. Quer os frescos por sobre as escadarias, quer a decoração em que se pensou para a Biblioteca de S. Pedro, não tiveram andamento. Razões poderosas devem ter influído e aguardamos que as esferas superiores resolvam o assunto pelo melhor” (Correia 1963, p. 98).

O Doutor Nuno Rosmaninho intuiu daqui, e com muito provável acerto, que *“a culpa parece caber unicamente ao pintor que não cumpriu o contrato, apesar de ter recebido as duas primeiras prestações”* (Rosmaninho 2006, p. 281).

Novos documentos acabam de emergir, e que nos podem ajudar a compreender este “mistério dos painéis”. Na Secção de Manuscritos da Biblioteca Geral integrámos recentemente uma pastinha com dois cadernos e desenhos soltos da autoria de Rui Fernando de Arteaga Preto Pacheco (1922-1989). O maior dos cadernos abre com o título *“Apontamentos de ideias para o painel / de Camões destinado à escadaria nobre*

/ da Biblioteca Geral da Cidade Univer-/sitária de Coimbra / (3, 60m x 4 m) Dezembro de 1955” e, com efeito, grande parte dos desenhos nesse caderno têm a ver com uma composição de tema camoniano: pormenores do Poeta, representado em pé, um anjo coroando-o de louros, entre duas figuras de pedra sobre plintos, alegorias da Experiência (à esquerda, em jovem figura feminina) e do Estudo (à direita, em idosa figura masculina) e ainda as figuras de Vasco da Gama e do Adamastor.

Estes documentos confirmam que os trabalhos contratados com a CAPOCUC começaram a ser planeados nesse mesmo ano de 1955 (data do início do caderno), que foram efectivamente pensados para a técnica do *afresco*, e que o programa se teria alterado radicalmente: no contrato, os temas eram definidos como *O Livro* e *As Letras*, mas os papéis de Preto Pacheco referem-se a um painel de *Camões* e a outro de *D. João I*. Todos os esboços existentes na BGUC têm a ver com estes últimos temas (dois, de grande formato, estão datados de Setembro de 1956) e, pelo menos, o painel de *Camões* parece que começou a ser executado. Com efeito, no caderno pequeno, conserva-se uma minuta de carta, sem data, dirigida ao Senhor Conde de Campo Bello (D. Henrique Leite Pereira de Paiva Távora e Cernache) patrono do artista, onde pode ler-se:

“Há dias que a minha activida/de decorre sobre andaimes / tenebrosos, no alto dos quais / estou agora a desenhar o tenebroso / Adamastor. (...) O trabalho, sempre com a / graça de Deus, apesar de novo / para mim, vai saindo feliz. / Os estudos, que afinal tive de termi/nar em Lisboa, mereceram uma / aprovação particularmente lison/geira do Ministro – e creio / que muitas mais coisas terei / de fazer para a Cidade Universi/tária, logo que comecem a construir-/se os restantes edifícios. / De qualquer maneira, vejo / com satisfação crescer a[sic] volta / dos meus painéis o interesse / dos Todos-poderosos [sic] tanto do / Estado como da Universidade. Isto representa para mim um incentivo enorme...”

À mesma pasta juntaram 5 cartas, por abrir, endereçadas à Biblioteca, em nome de Rui Preto Pacheco, e com carimbos de correio entre 6 de Fevereiro e 10 de Abril de 1957. Parece-nos que elas constituirão o *terminus ante quem* para o abandono da obra e de Coimbra pelo artista: antes de 7 ou 8 de Fevereiro de 1957, data da provável chegada da primeira desta correspondência à BGUC. Isto confirma o que escreve Nuno Rosmaninho que o contrato “*foi sucessivamente prorrogado para 28 de Fevereiro e 15 de Dezembro de 1957, mas os ofícios enviados pela CAPOCUC para os diversos endereços de Ruy Preto Pacheco foram devolvidos pelo correio por ausência do destinatário*” (Rosmaninho 2002, p. 744).

Que terá acontecido para se ter assim “sustido” a obra tão precipitadamente?

O estado de espírito que o terá levado a abandonar o trabalho pode estar patente neste apontamento, que lemos num papel solto:

“A obra de arte requiere concentração exclusiva. / A concentração exclusiva exige um clima próprio. / Esse clima existe apenas no espírito que cria a / obra. / O espírito do artista é, pois, o único soberano -- / -- e é-lhe legítimo desinvencilhar-se de tudo / e de todos os que representem perigo de anular / ou restringir a sua autoridade absoluta / nos domínios da sua soberania.” (sublinhados no original)

Nunca antes tínhamos visto tão claro e escrito testemunho da ingerência do CAPOCUC na produção dos artistas envolvidos nas obras da Cidade Universitária. Mais do que epígrafe à “normal” megalomania artística, este apontamento fica quase como um epitáfio à efémera passagem do pintor pela Biblioteca Geral. Mas, tudo permanece muito misterioso em Preto Pacheco: a sua aparente capacidade de mudar os temas contratados, o facto de após a fuga de Coimbra não ter deixado de retratar notáveis do regime e de, apenas 5 anos depois, estar a fazer selos para a Casa da Moeda e a ser editado pela Agência Geral do Ultramar. Explicações podem, porventura, encontrar-se dentro daqueles sobrescritos que por respeito se conservaram fechados e que também nós ainda não tivemos a ousadia de abrir.

Bibliografia:

CORREIA, Maximino

1963 *Ao serviço da Universidade de Coimbra : 1939-1960.*
[Coimbra] : Por Ordem da Universidade, 1963 (Acta Universitatis
Conimbrigensis)

ROSMANINHO, Nuno

2002 *O poder da arte : o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra .*
2 vols., Tese de Doutoramento em História Contemporânea apresentada
à Faculdade de Letras da Univ. Coimbra, 2002. Com versão em CD-rom

ROSMANINHO, Nuno

2006 *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra.*
Coimbra : Imprensa da Universidade, cop. 2006